



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_21/2016

Homília na Comemoração
de Todos os Fiéis Defuntos

Braga, Sé Catedral, 02.Nov.2016, 21h30

Reflectir a morte

A celebração litúrgica do dia de hoje alegra-nos com a certeza de que não vivemos para morte mas, passando por ela, entramos na vida eterna. Vida eterna garantida para quem se alimentou do Corpo e Sangue de Cristo. Na verdade, a eucaristia é o alimento que nos abre à vida eterna e aumenta em nós a certeza da ressurreição. Sempre que comungamos, cresce a certeza de que Cristo destruirá a morte para sempre e nos preparou um banquete de manjares suculentos.

Recebemos, há dias, a Instrução *Ad resurgendum cum Cristo* que nos recorda que “exilamo-nos do corpo para irmos habitar junto de Deus”. Desta Instrução, devemos conservar a doutrina da Igreja sobre a cremação. “Em si mesma não é contrária à religião cristã” mas a “Igreja recomenda insistentemente que os corpos dos defuntos sejam sepultados no cemitério ou num lugar sagrado”. Importa que não tenhamos dúvida sobre esta matéria e saibamos que a Igreja não tem “razões doutrinárias para impedir tal *praxis*”, a não ser que seja pedida ou realizada “por razões contrárias à doutrina cristã”. Aceitando este modo de proceder, “as cinzas devem ser conservadas num lugar sagrado, isto é, no cemitério ou, se for o caso, numa igreja ou lugar especialmente dedicado a esse fim determinado pela autoridade eclesiástica”. A conservação das cinzas em casa não é consentida, a não ser em casos excepcionais, nem a divisão entre vários núcleos familiares, assim como a dispersão no ar, na terra ou na água ou ainda serem conservadas como recordação em peças de joalheria ou outros objectos. Com estas orientações, a Igreja preocupa-se pelo respeito que os restos mortais merecem e pelo cuidado para que os falecidos não sejam esquecidos.

A Santa Sé, mesmo emanando estas orientações, continua, todavia, a desejar que os defuntos sejam motivo de oração e de memória por parte da comunidade cristã e dos parentes. Daí que nos recorde que os túmulos sempre foram lugares de “oração, de memória e de reflexão”.

Caros cristãos, estamos hoje reunidos para rezar pelos Arcebispos e pelos Capitulares desta Catedral. Com esta intenção, renovamos o salutar costume de rezar por todos os mortos e de manifestar, com sinais exteriores, a comunhão dos santos. Uma comunhão que permanece e se intensifica nas diversas formas de sufrágios. O avançar dos tempos vai-nos mostrando, infelizmente, que tem vindo a esmorecer a devoção às almas e que muitas pessoas, passadas as lágrimas dos funerais, relegam ao esquecimento os seus familiares e amigos. Como é grande o dano que a secularização trouxe a dimensões tão significativas da vida cristã quanto esta.

Creio que o nosso testemunho passa também por aqui: acreditar na vida eterna e manter viva uma



permanente comunhão.

Por ser importante revitalizar esta forma de piedade, necessitamos de crescer na promoção da memória, recordando as pessoas e os seus feitos. Não seria, neste sentido, importante trazer ao conhecimento das pessoas a figura dos arcebispos de Braga? Sei que muitos se contentam por chamar a Braga “A cidade dos Arcebispos”. Mas eu creio que é justo, e também necessário ao dinamismo cultural da cidade e da Arquidiocese, recordar que Braga, em muitos dos seus contornos, existe por causa dos Arcebispos. Foram eles que delinearam políticas culturais, construíram os edifícios mais significativos e, graças a obras sociais que responderam, conforme as épocas, a necessidades das populações, semearam a esperança em muitos corações. Fazer memória é ser grato e aceitar que somos fruto de uma plêiade de homens que, em nome da fé e por causa de Jesus Cristo, deram um rosto característico à nossa cidade e Arquidiocese.

A Modernidade, aprisionada ao efêmero presente, facilmente se esquece do pioneirismo e da ousadia dos nossos antepassados, bem como de muitas iniciativas artísticas e humanas. Saibamos nós, os católicos, avivar a nossa memória e, na nossa participação cívica, exigir este reconhecimento de obras que perduram e perdurarão. Façamos, por isso, memória de todos os arcebispos e daqueles que conservaram esta Catedral.

Para além da oração e da memória, os mortos conduzem-nos à reflexão. Não podemos desvalorizar um fenómeno tão humano quanto a morte. Ela é um compêndio onde lemos advertências ou sugestões para a nossa vida. Existe um certo medo de pensar sobre a morte e, por isso, vive-se de modo tão superficial a vida. Os antigos, porque gostavam de deixar sinais ou marcas da sua vida, sabiam que a morte era o tempo do reconhecimento por aquilo tinha sido realizado.

Pegando em duas “casas” marianas indicadas no nosso Programa Pastoral, recorro à importância de tudo quanto podemos fazer pelas nossas famílias e pela juventude. As famílias andam à deriva. Como é importante prestar-lhes atenção, acompanhar-las e, em conjunto, trilhar caminhos de integração eclesial e de santidade.

A morte pensada e reflectida pergunta-nos o que fazemos pelos jovens. O amor não significa permissivismo. Os antepassados transmitiam valores e princípios. Poderá haver alegria maior do que reconhecer que tudo se fez por uma educação integral e exigente?

Para terminar, a realidade da morte exige atenção aos momentos dolorosos dos membros das nossas comunidades. Temos ainda um longo caminho a percorrer no que diz respeito ao modo como lidamos com o luto dos outros. Alguém dizia que “a resposta ao mistério da morte e do sofrimento não é uma explicação mas uma presença”. Nunca teremos palavras para explicar a morte. A presença gera comunhão e a comunhão gera um silêncio que consola, acompanha e conforta, no sentido etimológico de “fortificar”. Com a nossa presença, é o próprio Cristo que incarna misteriosamente, com sentimentos de compaixão, e assume para si as dores da cruz. Também nesse momento, Maria se faz presente, assim como esteve aos pés da Cruz.

Reflectir sobre a morte e pensar nos mortos é vivê-la nos outros em atitude de fé para que a nossa



própria morte seja um momento de serenidade e de encontro com aquilo que permanece.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*